

# Raízes do pessimismo

O presidente Fernando Collor de Mello costumava dizer que sua geração tinha pressa. São os 40 anos que, paradoxalmente, levam S. Exa. a pensar nos termos do passado e dizer que "o brasileiro sempre foi reconhecido como um povo extremamente otimista com relação a seu futuro". Quando éramos 50 milhões — por volta dos anos 50 —, o otimismo marcava aquilo que alguns teimavam em chamar de "caráter nacional brasileiro". As favelas, no Rio de Janeiro, eram tema de samba-canção e serviam de inspiração para artistas plásticos. Pouco menos de 20 anos depois, quando atingimos a marca dos 90 milhões, o otimismo começou a sofrer duros ataques em seus fundamentos: o crime começou a organizar-se e a instalar-se nas favelas, que perderam seu encanto, e a desordenada concentração urbana principiou a produzir seus efeitos daninhos sobre a cidade. Os que viveram aqueles dias se recordarão de que durante o governo Costa e Silva cessaram as piadas com que os brasileiros de todas as classes sociais afastavam os demônios do pessimismo. Hoje, quando chegamos aos 148 milhões, é apenas normal que sejamos pessimistas.

Não é apenas a recessão que conduziu ao estado de espírito registrado na última pesquisa Gallup, cuja existência o presidente da República se recusa a reconhecer. Foi toda uma transformação nas bases da sociabilidade, provocada também pelo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) — que ainda hoje pode ser tido como sempre positi-

vo, considerada a série histórica — e pelo aumento das distâncias sociais determinado pela concentração de renda, que não deixou de se acentuar a partir de meados dos 50.

A esses dois fatores (a afluência da riqueza conjugada com o aumento da pauperização) há que se acrescentar o ajuntamento de populações nas grandes cidades. O termo pode parecer fora de propósito, mas é de ajuntamento que se trata, quando se tem presente o número de pessoas que não conseguem encontrar condições civilizadas (belgas, não indianas, para repetir a expressão com que se buscou caracterizar o Brasil contemporâneo, Belíndia) de moradia.

O fim da URSS e das ideologias, para que seja real e de fato benéfico, deverá produzir entre outros efeitos o de abrir os olhos dos governantes e da classe intelectual para os pequenos fatos da vida cotidiana que moldam as estruturas sociais e políticas.

Esses pequenos fatos encontram sua ilustração na Rocinha, a famosa favela do Rio de Janeiro. Será ela, realmente, uma favela? Não se sabe ao certo quantas pessoas nela vivem; tem-se certeza de que são mais de 200 mil.

Um ajuntamento dessas proporções



não é mais uma favela — mas também não é uma cidade, como nos habituamos a entender essa palavra à luz dos estudos sobre o fenômeno urbano. A Rocinha e as outras favelas que se arrastam morro acima estão lá para ficar, como São Conrado e a Barra são guardados sem descansa contra os possíveis invasores. Essa situação de tensão, de hostilidade mal disfarçada (para não dizer de guerra larvada) entre dois universos de pensamento e dois mundos de comportamentos conflitantes, mudou a fisionomia do Rio de Janeiro. Isso para não mencionar a organização do crime que em boa medida seguiu na trilha aberta pela pauperização e pelo hedonismo dos "homens bons", que marcava um estilo cortês de vida.

Que dizer de São Paulo? Estudos recentes apontam para fato social da maior importância: nos últimos 17 anos, a população favelada aumentou 1.363%. O censo da Prefeitura, em 1973, registrava cerca de 72 mil pessoas morando em favelas. Projeção feita em 1990 apontou que esse número chegava a mais de 1 milhão. A esse milhão se somam 3 milhões de seres humanos que vivem em cortiços e mais 3 milhões de seres humanos que ocupam loteamentos clandesti-

nos. É com essa realidade que devemos conviver no cotidiano. As grandes teorias construídas sobre os modelos teóricos socialistas oferecidos no século 19 impediram que se visse a importância dos pequenos fatos do cotidiano, quando vividos num bairro ou numa favela para a construção de formas civilizadas de sociabilidade. Obscureceram a realidade a tal ponto que até mesmo aqueles que se lançaram à disputa de cargos públicos passaram a ver as criaturas apenas como "eleitores". Ora, não queremos lembrar Freud ou Reich para mostrar como condições de vida "indianas" influenciam negativamente o desenvolvimento da personalidade individual e moldam um psiquismo coletivo autoritário. O que importa ver, no momento, é que a transformação das condições de existência, social, imposta entre outras razões pelo aumento da população, fez que de fato o brasileiro se tornasse pessimista. Como pode ser diferente se, ao lado das conquistas da tecnologia moderna e da riqueza acumulada, cada um de nós se defronta com suas múltiplas impossibilidades de possuir tudo aquilo que a cidade oferece?

Essa realidade "urbana", que nos recusamos a reconhecer como problema, deve ser enfrentada e as discussões, que ela nos traz, resolvidas. Isso antes que a anomia resultante dessa sociabilidade sem convergências leve à desagregação do Estado.